



# O ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL E O CONHECIMENTO DA NORMA LEXICAL SUL-MATO-GROSSENSE: OS NOMES PARA BOTEÇO<sup>1</sup>

Felipe Barros Pinto (PIVIC/UFMS/CPAQ)  
[felipe.barros0984@gmail.com](mailto:felipe.barros0984@gmail.com)

Daniela de Souza Silva Costa (UFMS/CPAQ)  
[souza.costa@ufms.br](mailto:souza.costa@ufms.br)

**RESUMO:** Este trabalho objetiva analisar o vocabulário documentado pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), especificamente as ocorrências em Mato Grosso do Sul das variantes lexicais que nomeiam o referente geralmente conhecido como boteco – QSL 202/ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2002, p. 37), área semântica *Vida urbana*, enunciadas por 28 informantes entrevistados pelos pesquisadores do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), habitantes de seis pontos de inquérito sul-mato-grossenses. Tratando-se de pesquisa descritiva com base em dados empíricos, o estudo tem como base teórica a Dialetologia e a Geolinguística (FERREIRA; CARDOSO, 1994; ISQUERDO, 2003), bem como princípios da Sociolinguística (CAMACHO, 2001). Por meio da análise do *corpus*, os resultados finais obtidos mostraram o registro de 7 variantes lexicais para nomear o boteco, sendo que a de maior incidência foi de *boteco/botequinho/botiquim*, com 44% das ocorrências, seguida por *bar*, 30%, e na sequência vem *bolicho*, com 10% dos registros. A maior variação lexical ocorreu na capital, Campo Grande, com sete variantes, também único ambiente em que se observou o item lexical *empório*. Nota-se também que *boteco/botequinho* não aparece como o de maior incidência na capital e em Ponta Porã, locais em que se destaca *bar* (38% e 50% de produtividade, respectivamente). Já uma menor variação encontra-se na cidade de Paranaíba – com apenas duas unidades léxicas registradas – *boteco/botequinho/botiquim* e *bar*. Diante do exposto, pode-se concluir que, com os resultados obtidos e analisados, o estudo apresentado pode contribuir para as pesquisas dialetais, pois, a partir de dados geolinguísticos, analisou os nomes para boteco em Mato Grosso do Sul, ratificando a importância dos estudos lexicais para o conhecimento da norma linguística de uma sociedade e sua intrínseca relação com a história e a cultura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Norma lexical; Mato Grosso do Sul; Projeto Atlas Linguístico do Brasil; boteco.

**ABSTRACT:** This work aims to analyze the vocabulary documented by the Atlas Linguistic of Brazil Project (ALiB), specifically the occurrences in Mato Grosso do Sul of the lexical variants that name the referent generally known as *boteco* (*bar*) - QSL 202 / ALiB (NATIONAL COMMITTEE OF PROJECT ALiB, 2002, p. 37), semantic area Urban life, enunciated by 28 informants interviewed by researchers from the Linguistic Atlas of Brazil (ALiB), inhabitants of six survey points in that state. In the case of descriptive research based on empirical data, the study is theoretically based on Dialectology and Geolinguistics (FERREIRA; CARDOSO, 1994; ISQUERDO, 2003), as well as principles of Sociolinguistics (CAMACHO, 2001). Through the analysis of the corpus, the final results obtained showed the registration of 7 lexical variants to name the bar, with the highest incidence being *boteco/botequinho/botiquim*, with 44% of occurrences, followed by *bar*, 30%, and in the sequence comes

<sup>1</sup> Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida na UFMS, no âmbito do GALEX – Grupo Aquidauana de estudos do Léxico – no Laboratório de Estudos Linguísticos – LABELI (UFMS/CPAQ), em caráter voluntário de 2018 a 2019 sob o título “A norma lexical de Mato Grosso do Sul a partir de dados do Atlas Linguístico do Brasil: nomes para boteco”.



*bolicho*, with 10% of the records. The largest lexical variation occurred in the capital, Campo Grande, with seven variants, also the only environment in which the lexical item *empório* was observed. It should also be noted that *boteco/botequinho* does not appear as the one with the highest incidence in the capital and in Ponta Porã, places where *bar* stands out (38% and 50% of productivity, respectively). A smaller variation is found in the city of Paranaíba - with only two lexical units registered - *boteco/botequinho/botiquim* and *bar*. Given the above, it can be concluded that, with the results obtained and analyzed, the study presented can contribute to dialect research, since, using geolinguistic data, it analyzed the names for bar in Mato Grosso do Sul, ratifying the importance of lexical studies for the knowledge of the linguistic norm of a society and its intrinsic relationship with history and culture.

**KEYWORDS:** Lexical norm; Mato Grosso do Sul; Atlas Linguistic of Brazil Project; bar.

## Introdução

Os estudos brasileiros que versam sobre a variação linguística em muito têm se desenvolvido a partir da gênese do *Projeto Atlas Linguístico do Brasil*, que desde o final do século XX trabalha para descrever a realidade linguística do Brasil a partir da elaboração de um atlas nacional, cujos primeiros resultados foram publicados em 2014<sup>2</sup>. Isso porque esse projeto nacional fornece bases teórico-metodológicas para os trabalhos, bem como seus membros orientam pesquisas acadêmicas desenvolvidas na graduação, como a que deu suporte a este texto, e na pós-graduação.

A relevância desses estudos ratifica-se tendo em vista que a língua, como patrimônio cultural, caracteriza a identidade de um povo, revelando hábitos, crenças, tradições e pensares. Desse modo, as variedades de uma língua desvelam determinantes sociais, históricos e culturais, notadamente no nível lexical, uma vez que o léxico, por ser o repertório vocabular de uma comunidade, é o que mais demonstra influências extralinguísticas.

Em outras palavras,

Concebendo-se o léxico como o nível da língua que melhor documenta o modo como o povo vê e representa a realidade em que vive, podemos entender que o vocabulário de um grupo social atesta seus valores, suas crenças e também a forma como nomeia os referentes do mundo físico e do universo cultural em diferentes épocas da sua história (ISQUERDO, 2003, p. 165).

---

<sup>2</sup> Conferir Cardoso et al 2014a e 2014b.



Sob essa perspectiva, este trabalho apresenta resultados de pesquisa sobre o vocabulário documentado pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) em Mato Grosso do Sul, especificamente as variantes lexicais que nomeiam o referente geralmente conhecido como boteco – QSL 202 - “como se chama um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber, e onde também se pode comprar alguma outra coisa?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2002, p. 37), área semântica *Vida urbana*, enunciadas por 28 informantes entrevistados pelos pesquisadores do ALiB, habitantes de seis pontos de inquérito sul-mato-grossenses – Coxim, Corumbá, Paranaíba, Campo Grande, Nioaque e Ponta Porã.

O estudo dos nomes para o boteco justifica-se por ser este um lugar em que se vendem, dentre outros itens, bebidas alcoólicas, consumo que acompanha o homem desde tempos pretéritos, como é o caso das tavernas, que existem desde a época dos romanos, até os atuais “barzinhos”. Mesmo na atualidade, notadamente em áreas menos urbanizadas, o lugar é responsável inclusive pela venda de produtos alimentícios, como revela a própria pergunta motivadora do léxico em análise, tornando-se fornecedor de gêneros alimentícios para diversas populações, localizadas nos mais distintos lugares.

Frente ao exposto, este texto pretende analisar o vocabulário em uso pelos falantes do Centro-Oeste ao nomearem o lugar em que se vendem bebidas alcoólicas (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2002, p. 37), buscando identificar o português falado na região em estudo, bem como analisar as influências sociais, geográficas e culturais que possam atuar sobre o léxico dos sul-mato-grossenses, de modo a contribuir para o conhecimento da realidade linguística regional brasileira no que se refere à *vida urbana*.

### **A variação linguística sob a perspectiva teórica**

Para Saussure (2012, p. 40), “a linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro”, e este lado social da linguagem é a



língua, “exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude de uma espécie de contrato estabelecido entre os membros de uma comunidade” (SAUSSURE, 2012, p. 46).

Essa espécie de contrato é necessária para que haja a comunicação, já que os falantes que compartilham a língua também compartilham normas e regras do sistema linguístico. Todavia, mesmo os falantes de uma mesma língua a realizam de modos distintos, o que, para Saussure (2012), associa-se à fala, a parte heterogênea da linguagem. Para Terra (2008, p. 84), o “[...] caráter individual da fala é responsável pela diversidade da língua: cada falante acaba utilizando-a de maneira peculiar, de modo que a forma utilizada por um falante individualmente é diferente da utilizada pelos demais”.

A diversidade linguística pode ser motivada por fatores internos ao sistema ou externos, como é o caso de determinantes sociais, culturais, históricos e mesmo geográficos. Isso porque a língua, muito além do sistema linguístico, revela-se como patrimônio cultural, notadamente no que diz respeito ao nível lexical, posto que é por meio do léxico que o homem caracteriza e reconhece sua realidade em redor, cristaliza tradições e conceitos, além de revelar sentimentos e impressões.

Para Biderman (1998, p. 88), “[...] é a partir da palavra<sup>3</sup> que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas. A denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem” (BIDERMAN, 1998, p. 88), entendendo-se que a partir do processo de nomeação é que o conhecimento humano se desenvolve: dando-se nome para algo, ele pode ser compreendido, de fato conhecido e sua existência na realidade comprovada. Nesse sentido, retoma-se a hipótese Sapir-Whorf, que defende que cada sistema léxico pode ser compreendido como a somatória dos conhecimentos humanos e é particularizado de acordo com a realidade que designa, o que, por exemplo, promove a não equivalência de lexias em línguas naturais em alguns casos.

---

<sup>3</sup> Biderman (1998), ao utilizar o termo palavra, aproxima-o do entendimento de Porto-Dapena, que também compartilhamos, segundo o qual a palavra é “[...] la unidad abstracta – perteneciente al sistema de la lengua – con la que se identifican todas las formas o variantes pertenecientes a un único paradigma flexional” (PORTO DAPENA, 2002, p. 143), unidade abstrata também tratada como lexema por alguns autores, como Biderman (1978).



No Brasil, as variações linguísticas trazem consigo riquezas e heranças culturais. E essa heterogeneidade sociocultural, que se revela na língua e, mais especificamente, no nível lexical, favorece os estudos das variedades linguísticas. Isso porque:

Na sua ampla extensão territorial – país continente –, o Brasil apresenta-se como uma terra de grandes contrastes, marcada pela heterogeneidade cultural, social e econômica que se vai refletir, também, na língua portuguesa, hoje majoritariamente falada. A diversidade da língua está, pois, vinculada à diversidade cultural tomada nos seus mais diferenciais aspectos (CARDOSO, 2010, p. 178).

Nessa seara, a Dialetoologia é a disciplina linguística que estuda a língua e seus usos em determinados espaços, geográficos e sociais. Para Cardoso (2010, p. 15), ela é definida como “[...] um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. Auxiliando a Dialetoologia na cartografia dos dados de pesquisas dialetológicas tem-se a Geolinguística, atualmente mais desenvolvida em sua vertente pluridimensional, uma vez que, como atestam Mota e Cardoso (2006, p. 22):

[...] Na geolinguística pluridimensional contemporânea, soma-se ao parâmetro diatópico, prioritário em trabalhos dessa natureza, o interesse por outros tipos de variação, como a diagenérica [variação entre os gêneros/sexos masculino e feminino], a diastrática [variantes sociais], a diageracional [considerando-se a idade dos falantes], entre outras.

Estudando, pois, as variedades linguísticas, têm-se as variantes linguísticas, entendidas por Tarallo (1986, p. 08) como as “[...] diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística”. A partir dessa diversidade, formam-se distintas normas linguísticas. Para Coseriu (1980), a norma seria o nível intermediário entre a língua e a fala saussurianas e:

[...] Abrange fatos linguísticos efetivamente realizados e existentes na tradição, ao passo que o sistema é uma técnica aberta que abrange virtualmente também os fatos ainda não realizados, mas possíveis de acordo com as mesmas oposições distintivas e as regras de combinação que governam o seu uso” (COSERIU, 1980, p. 123).



As diferentes normas linguísticas se dão em relação a fatores internos à língua, mas também externos, como convenções sociais (variação diastrática), momento histórico (variação diacrônica), contexto (variação diafásica) ou região (variação diatópica) em que um falante ou grupo social insere-se.

O trabalho com as variedades linguísticas demonstra sua relevância ao auxiliar o conhecimento da realidade linguística de uma comunidade em tempo e espaço, contribuindo para o ensino de línguas. Isso porque:

[...] Ao delimitar espaços, do ponto de vista linguístico, caracterizados e definidos, [a Dialetologia] vem buscando estabelecer relações entre as variáveis diatópicas e as variáveis sociais, sejam elas diageracionais, diagenéricas, diastráticas ou diafásicas, com vistas a entender o processo de variação, tomado na sua plenitude, o que conduz a uma melhor compreensão da realidade e à busca de caminhos de maior embasamento para o aprendizado sistemático da língua (CARDOSO, 2006, p. 97).

Com base nessas palavras, é notável que, com o desenvolvimento social e geográfico do Brasil, desenvolveu-se aqui uma ampla ocorrência de variantes, especialmente as lexicais, que representam a diversidade do povo brasileiro, trazendo consigo valores e crenças, mostrando a riqueza dialetal existente no português brasileiro.

Nesse contexto, de variedades lexicais e também fonéticas da língua, e acerca dos estudos dialetais, tornou-se de grande importância a elaboração de atlas linguísticos, pois estes documentam e registram a variação linguística, apresentando as particularidades e generalidades encontradas nos falares brasileiros. Todavia, mesmo com a existência dos atlas, ainda há um distanciamento do real objetivo dessas produções: “poucos sabem aqui [...] qual é o valor de um atlas, qual a sua necessidade para a solução de múltiplos problemas e, dos que sabem, poucos dão importância a essas questões” (NASCENTES, 1958, p. 7).





Todavia, desde o final do século XX, um projeto interinstitucional tem se destacado na documentação e na descrição dos falares brasileiros: o Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB).

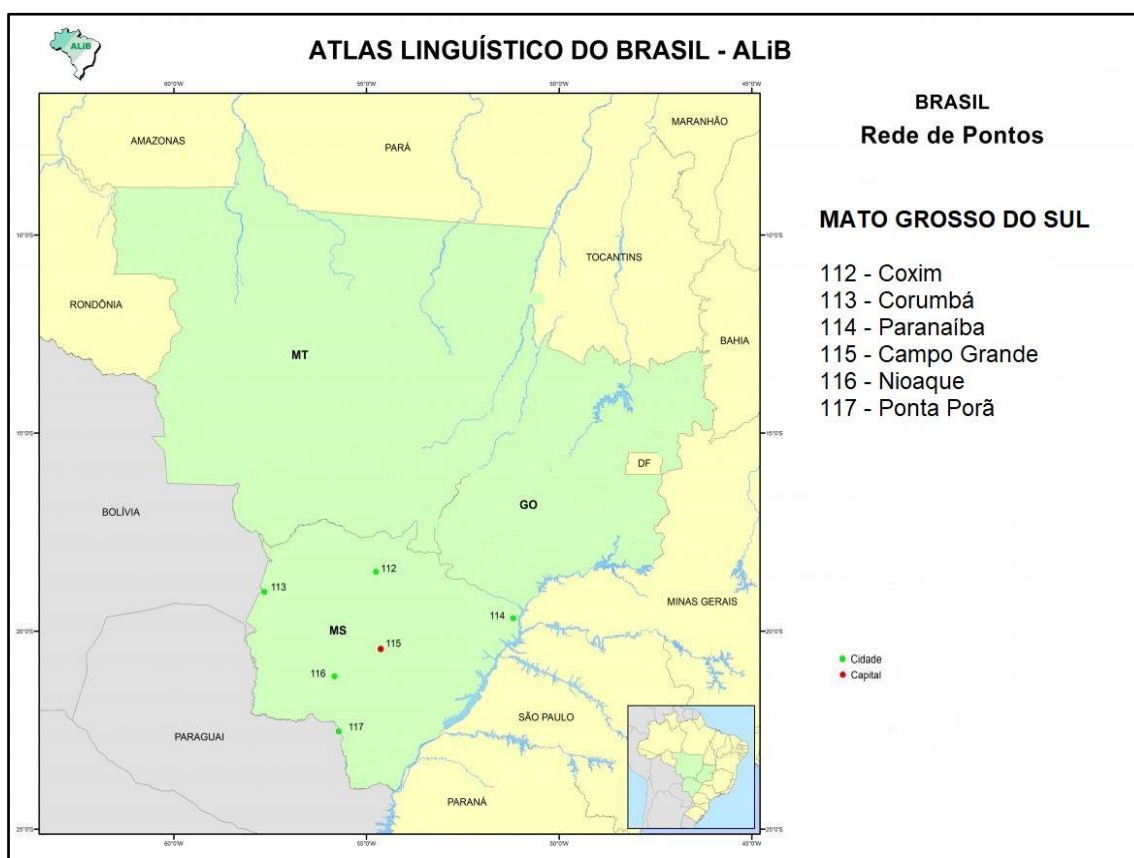
Fundamentado nos princípios gerais da Geolinguística contemporânea, também conhecida como pluridimensional, o Projeto ALiB prioriza a variação espacial ou diatópica e fica atento às implicações de natureza social que não se pode, no estudo da língua, deixar de considerar. Assim, objetiva descrever o português falado no Brasil com base em dados coletados em 250 pontos, representativos de todas as regiões, e recolhidos, *in loco*, de 1.100 informantes, distribuídos equitativamente por duas faixas etárias (PAIM; ALMEIDA, 2019, p. 171).

Integrando o Atlas Linguístico do Brasil, no âmbito da regional Mato Grosso do Sul, este trabalho busca estudar as variantes lexicais documentadas como nomes para o referente comumente conhecido como boteco, pretendendo, a partir de um cotejo diatópico e léxico-semântico dos itens lexicais analisados, identificando possíveis determinantes extralinguísticos e, desse modo, ratificando a importância do Atlas Linguístico do Brasil para o conhecimento e a disseminação da norma linguística em uso no país, aqui representada pelos designativos de boteco documentados em Mato Grosso do Sul.

### **O boteco em Mato Grosso do Sul**

Neste trabalho analisaram-se, por meio da consulta a arquivos sonoros, às transcrições das entrevistas coletadas, a dicionários da língua portuguesa e a bibliografias concernentes ao tema, as ocorrências documentadas pelo Projeto ALiB em Mato Grosso do Sul, proferidas por 28 informantes dos seis pontos de inquérito sul-mato-grossenses (Figura 1) e selecionados seguindo os seguintes critérios: homens e mulheres com grau de instrução rudimentar ou com escolaridade até a 4ª série do Ensino Fundamental, que tenham nascido na localidade pesquisada e que se enquadrem em uma das duas faixas etárias exigidas – 18 a 30 e 50 a 65 anos, com exceção da capital, na qual acrescentaram-se mais quatro informantes de nível universitário, observadas as mesmas correlações de sexo e faixa etária.

**Figura 1** - Rede de pontos em Mato Grosso do Sul – Projeto ALiB

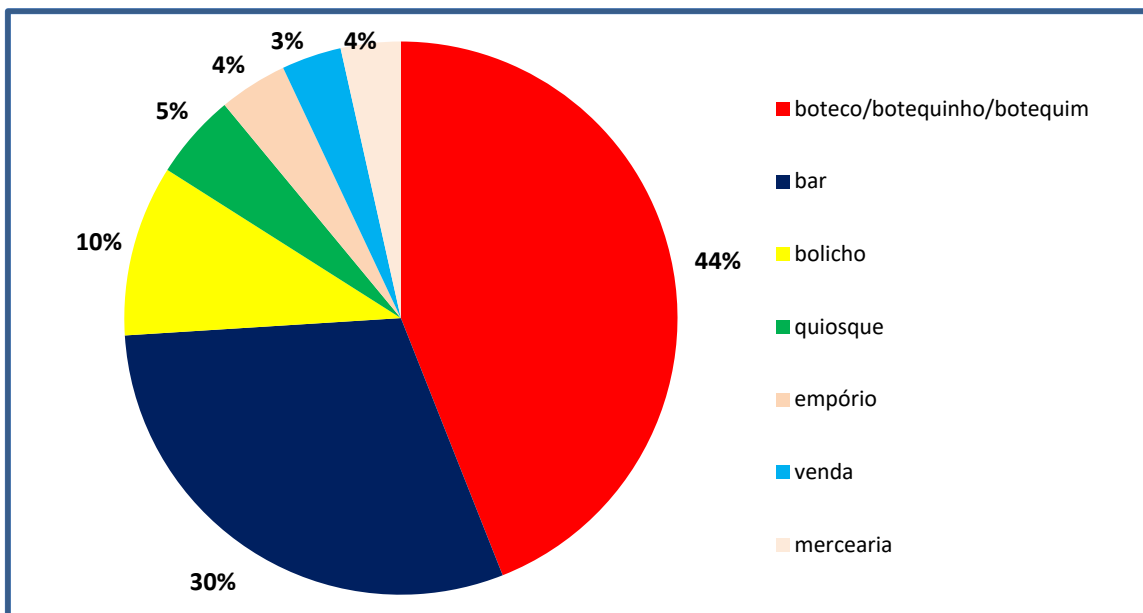


**Fonte:** Atlas Linguístico do Brasil (2019).

O trabalho “*A norma lexical de Mato Grosso do Sul a partir de dados do Atlas Linguístico do Brasil: nomes para boteco*”, que deu origem a este texto, objetivou documentar as variantes lexicais para o referente boteco por meio da análise dos dados alimentados em planilha no formato EXCEL, organizados por localidades e perfil de informantes (sexo, idade, escolaridade). A partir da análise do *corpus* e com base nos resultados obtidos, verificou-se o registro de sete variantes lexicais: *boteco/botequinho/butiquirem, bar, bolicho, quiosque, empório, venda e mercearia*, cuja produtividade no universo pesquisado pode ser lida nos gráficos a seguir:

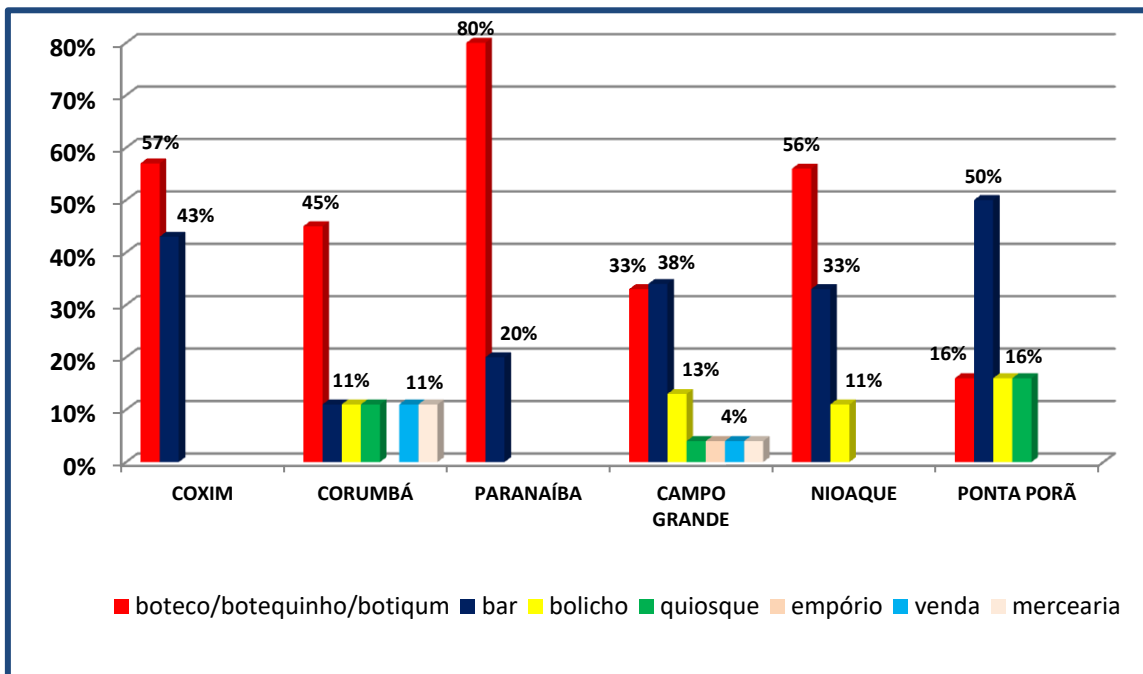


**Gráfico 1** - Produtividade dos nomes para boteco em Mato Grosso do Sul, segundo dados do ALiB



Fonte: Elaborado pelos autores.

**Gráfico 2** - Distribuição diatópica das unidades léxicas em análise em Mato Grosso do Sul – Projeto ALiB

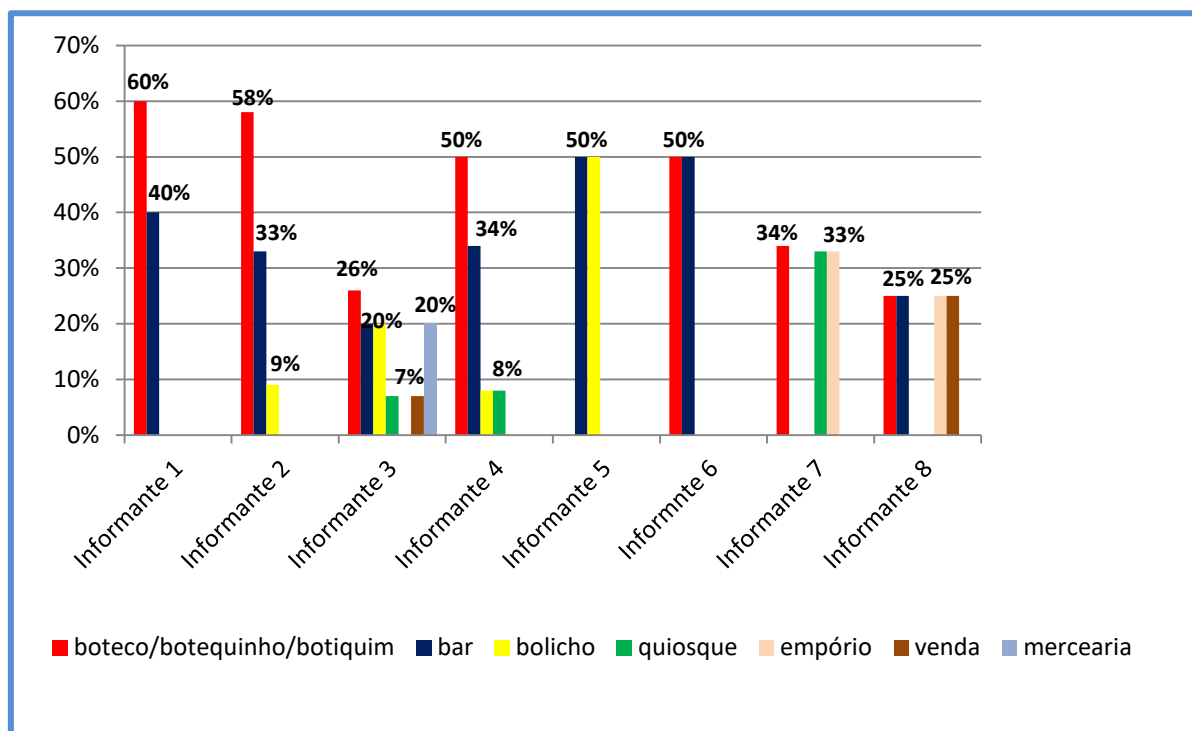


Fonte: Elaborado pelos autores.

O Gráfico 1 mostra que o item lexical com maior incidência entre as variantes registradas foi *boteco/botequinho/botiquim*, com 44% das ocorrências, seguido por *bar*, com 30%, e *bolicho*, com 10% dos registros. Apresenta, também, que as variantes *quiosque*, *empório* e *mercearia* aparecem em sequência com 5%, 4% e 4%, respectivamente, e com uma menor ocorrência encontra-se *venda*, com apenas 3% dos apontamentos.

Já com relação à diatopia dos resultados, é possível verificar que a maior variação lexical ocorreu na capital, Campo Grande, com sete variantes, também a única localidade em que se observou o item lexical *empório*. Porém, apesar de *boteco/botequinho/botiquim* (33%) ser a variante de maior ocorrência no universo pesquisado, ela não aparece como a de maior produtividade na capital, em que predomina *bar* – 38%, assim como em Ponta Porã, em que *bar* também aparece em maior quantidade nos registros, com 50% dos casos, como ainda se lê no Gráfico 2.

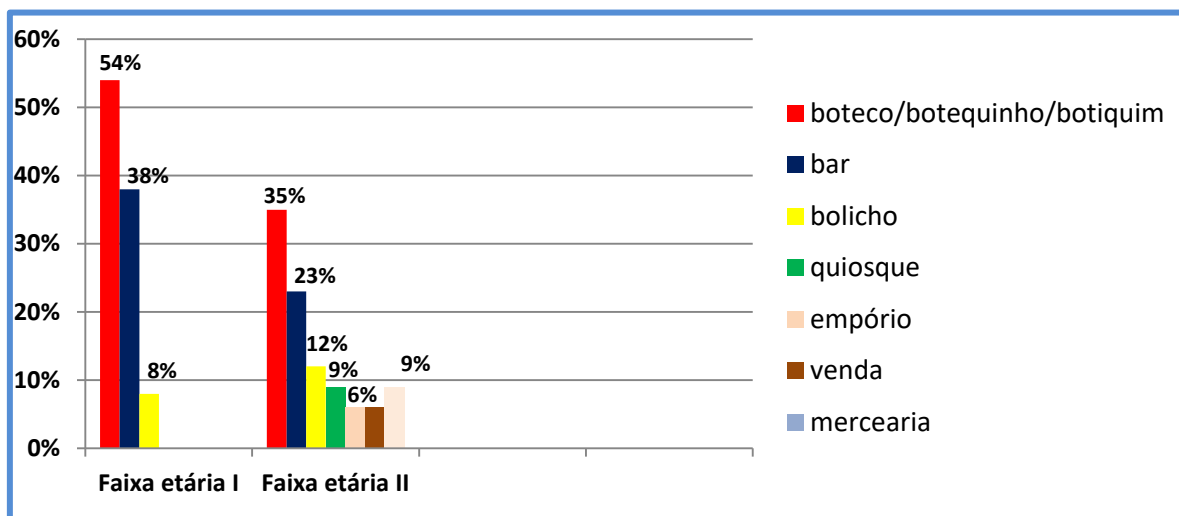
**Gráfico 3** - Ocorrência, por informantes, das unidades lexicais em análise em Mato Grosso do Sul – Projeto ALiB



Fonte: Elaborado pelos autores.

Como aponta o Gráfico 3, as variantes lexicais com um número maior de registros entre os oito informantes são *bar* e *boteco/botequinho/botequim*, com destaque para *boteco/botequinho/botequim*, que apresentou o maior percentual de ocorrências (87,5%), uma vez que 7 dos 8 informantes mencionaram essa unidade léxica, com exceção do informante 5 (homem, faixa etária de 18 a 30 anos, nível universitário), cujas únicas variantes proferidas foram *bar* (50%) e *bolicho* (50%). Verificou-se, também, que a maior variedade lexical foi encontrada nos informantes 3 (homem, faixa etária de 50 a 65 anos, baixa escolaridade), em que se registraram 6 itens léxicos: *boteco/botequinho/botequim* – 26%; *bar*, *bolicho* e *mercearia* – 20%; *quiosque* e *venda* – 7%.

**Gráfico 4** - Distribuição diageracional das unidades léxicas em análise em Mato Grosso do Sul – Projeto ALiB



Fonte: Elaborado pelos autores.

O Gráfico 4 traz a distribuição diageracional das ocorrências entre as faixas etárias 18 a 30 anos (faixa etária I) e 50 a 65 anos (faixa etária II). Nele, é notável a predominância das variantes *boteco/botequinho/botequim* e *bar*. Porém, comparando-se as faixas, evidencia-se a ocorrência apenas de três itens lexicais na Faixa I – *boteco/botequinho/botequim*; *bar*; *bolicho*. Já na faixa etária II, encontra-se uma

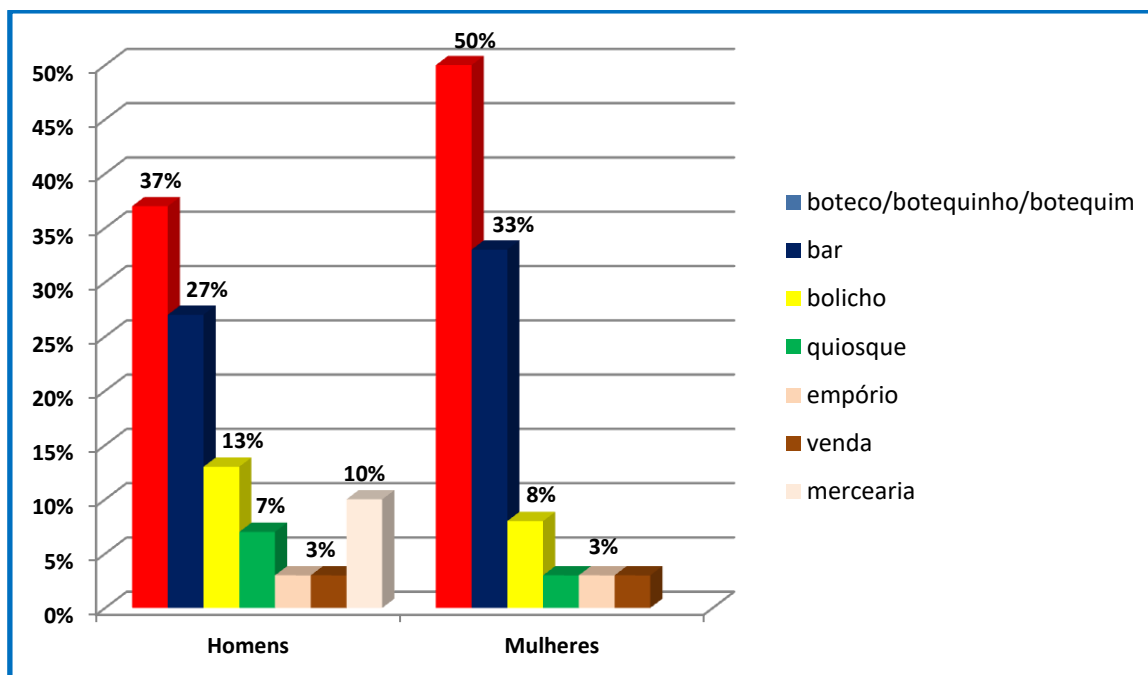
variação lexical mais expressiva, com a ocorrência das sete unidades lexicais. Isso pode ser justificado pelo fato de as gerações distintas terem comportamentos linguísticos também diversos, posto que a sabedoria e os conhecimentos adquiridos ao longo da vida podem ser observados na fala das pessoas (CARDOSO, 2010).

Na faixa etária I o item lexical *boteco/botequinho/botequim* aparece com 54% dos registros, *bar*, com 38%, e a variante *bolicho*, com 8% das ocorrências. Na análise da faixa etária II, notam-se os itens *boteco/botequinho/botequim e bar*, com 35% e 23%, respectivamente, que, assim como na faixa etária I, destacam-se em relação às outras variantes lexicais dentro da mesma faixa. Completam as variantes lexicais da faixa etária II: *bolicho* (12%), *quiosque* (9%), *mercearia* (9%), *venda* (6%) e *empório* (6%).

*Empório* pode ser identificado como variante pertencente a outro estágio da língua, a um tempo passado, o que pode ser ratificado pela análise léxico-semântica, demonstrada na sequência deste texto, e também de acordo com o que mencionou o informante 7 – homem, faixa etária de 50 a 65 anos, nível universitário: “- ah, empório era falado pelos mais antigos, era um boteco mais chique”.

No que tange à variação diasssexual (Gráfico 5), vê-se que, tanto na fala das mulheres como na fala dos homens, houve a predominância das lexias *bar* e *boteco/botequinho/botequim* (mulheres – *bar* – 33%; *boteco/botequinho/botequim* – 50%; homens: “*bar* – 27%; *boteco/botequinho/botequim* – 37%). Porém, *mercearia* se mostra presente apenas na fala dos homens, com 10% das ocorrências:

**Gráfico 5** - Distribuição diasssexual das unidades léxicas em análise em Mato Grosso do Sul – Projeto ALiB



Fonte: Elaborado pelos autores.

No que diz respeito à análise léxico-semântica das variantes lexicais para os nomes de boteco, é possível verificar uma expressiva diversidade, com acepções não muito comuns como resposta para designar “um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber, e onde também se pode comprar alguma outra coisa” (QSL – 202/ALiB), bem como significados correspondentes aos semas<sup>4</sup> apontados.

Dentro do grupo lexical analisado, os itens *bar* e *boteco/botequinho/botequim* apresentam semelhanças de significados, como encontrado em Houaiss (2015): “**bar** [pl.: -es] *s.m.* 1 estabelecimento em que se vendem bebidas e petiscos; botequim.” e “**boteco** (bo.te.co) *s.m.* botequim...; **botequim** (bo.te.quim) [pl. –ins] *s.m.* bar popular em que servem bebidas, lanches, tira-gostos e pratos simples; boteco.”. Todavia, mesmo havendo essa semelhança, eles se diferem em sua origem, como mostra Cunha (2013): “**bar**<sup>1</sup> *sm.* ‘balcão ou local onde se servem bebidas’ XX. Do ing. *bar* ‘barra’, de origem

<sup>4</sup> “Na terminologia da análise semântica, sema é a unidade mínima da significação, não susceptível de realização independente e, portanto, sempre realizada no interior de uma configuração semântica ou semema” (DUBOIS et al, 2006, p. 526-527).

francesa; a razão do nome está no de existir, por vezes, entre o balcão e os clientes, uma balaustrada.”; “**boteco** – BOTEQUIM; **botequim** *sm.* ‘casa pública onde se servem bebidas, lanches e refeições’ 1858. Talvez do it. *botteghino* ‘local de venda para bilhetes de teatro ‘banco de loto’, de *bottéga* ‘negócio (local e comércio)’, deriv. do lat. *apotheca* e, este, do gr. *apotheke* ‘depósito, armazém’.

Acerca de *empório*, *mercearia*, *venda* e *quiosque* – itens mencionados apenas por informantes da faixa etária II, e *bolicho*, tem-se que o primeiro, segundo Aulete (2012), trata-se do “local de grande atividade comercial. **2** Casa comercial onde são vendidos diversos tipos de mercadorias. **3** *Bras.* Armazém de secos e molhados. [F.: Do lat. *emporium*, *i.*]”. Cunha (2013) data *empório* como lexia do século XVI, o que corrobora o entendimento de que se trata de uma variante lexical advinda de outro momento histórico, como já atestara a fala do informante que a proferiu, o advogado campo-grandense de 51 anos que disse que ela era falada pelos mais antigos.

Já *mercearia*, ainda para Aulete (2012), é a “loja onde se vendem gêneros alimentícios, bebidas etc. a varejo; *armazém*, *venda*. [F.: Do it. *mercearia*.]”. *Mercearia*, assim como *empório*, foi validada como resposta para nomear “um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber, e onde também se pode comprar alguma outra coisa” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2002, p. 37) por atender a pelo menos dois semas requisitados pela pergunta do ALiB: lugar pequeno com balcão/onde também se pode comprar alguma outra coisa, o que se confirma pela sua produtividade, especialmente em Corumbá – 11%. Ademais, haja vista a realidade do interior do Brasil, é muito comum que em mercearias e em pequenas vendas os homens, e as mulheres, também se recostem nos balcões para o consumo de bebidas alcoólicas.

*Venda*, por seu turno, é entendida por Houaiss (2015) como “loja onde se comercializam mantimentos, além de outros produtos; *mercearia*. **3** Loja onde se vendem bebidas alcoólicas, lanches etc.; *botequim*. [F.: Dev. de *vender*] ((HOUAISS, 2015); e *quiosque*, para o mesmo lexicógrafo, é “pavilhão em estilo oriental, instalado





em parques e jardins 2 *p.ext.* pequena construção em lugares públicos, ger. destinada à venda de cigarros, bebidas, lanches etc.”.

Finalmente, *bolicho*, de acordo com Borba (2011), é o mesmo que *bodega*, “pequeno armazém de secos e molhados; quitanda”. Ferreira (2004) atribui-lhe a marca de brasileirismo<sup>5</sup> do Rio Grande do Sul, o que poderá se confirmar com o cotejo desses resultados com os dados daquele estado, na continuidade dos trabalhos do Atlas Linguístico do Brasil.

Frente ao exposto, nota-se que, mesmo havendo diferenças entre as acepções das lexias *bar*, *boteco/botequinho/botequim*, estas se assemelham e predominam, assim como *bolicho*, na fala da faixa etária I. Por sua vez, *empório*, *mercearia*, *venda* e *quiosque*, documentadas apenas na faixa etária II, remetem, ao menos nos registros lexicográficos atuais, ao universo do comércio de gêneros alimentícios e bebidas.

### Palavras finais

Este trabalho analisou sete variantes lexicais para o nome *boteco*, demonstrando o domínio de *bar* e *boteco/botequinho/botequim* – presentes em todas as localidades e na fala da maioria dos informantes, sendo 30% do total de ocorrências para *bar* e 44% para *boteco/botequinho/botequim*. *Empório*, *mercearia*, *venda* e *quiosque* destacam-se entre os informantes da faixa etária II, de 50 e 65 anos, além de *bolicho*, registrado como a terceira maior ocorrência entre as sete lexias encontradas, com 10% dos apontamentos.

Foi possível ainda identificar que as lexias mais comuns entre os informantes da faixa etária II são as que possuem um significado não apenas voltado para a venda de bebidas, mas sim para o comércio de alimentos em geral, diferente das encontradas na faixa etária I, em que predomina a venda de bebidas em suas definições.

Com base no exposto, entende-se que este trabalho contribuiu para os estudos geolinguísticos ao analisar as variantes lexicais do *corpus* objeto de análise, pois é

---

<sup>5</sup> Para Oliveira (1999, p. 95), brasileirismo é “[...] todo fato lingüístico, de caráter geral ou regional, que caracterize o português em uso no Brasil, em contraste com o usado na Europa”.



notória a importância da Dialetologia para elucidar a variedade linguística presente em nosso dia a dia. Como expõe Cardoso (2010, p. 98), “[...] a Dialetologia [é] como meio de se estabelecerem as relações entre as diversas modalidades de uso de uma língua num território circunscrito e de apreciar a natureza dos usos na perspectiva do comportamento social do falante diante da sua língua”.

Espera-se, finalmente, que, com os resultados obtidos e analisados, o estudo apresentado contribua para as pesquisas dialetais, uma vez que a variação linguística não deve ser tratada como uma “forma errada de falar”, mas como uma diversidade presente em nossa língua, uma característica de uma comunidade, a identidade de uma cultura, a riqueza do falar de um povo.

### Referências

- AULETE, Caldas. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- BIDERMAN, Maria Tereza de Camargo. Dimensões da palavra. **Filologia e Lingüística Portuguesa**, n. 02, 1998, p. 81-118. Disponível em: [dlev.fflch.usp.br/sites/dlev.fflch.usp.br/files/Biderman1998\\_0.pdf](http://dlev.fflch.usp.br/sites/dlev.fflch.usp.br/files/Biderman1998_0.pdf). Acesso em: 21 fev. 2020.
- BORBA, Francisco S. **Dicionário Unesp do português contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A Geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.
- BRASIL. Decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952. Institui o Centro de Pesquisa da Casa Rui Barbosa e dispõe sobre seu funcionamento. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo Federal, Brasília, DF, 22 de março de 1952. Seção 1, p. 4665. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-30643-20-marco-1952-339719-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 19 nov. 2019.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. Parte II. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (Orgs.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. V. 1. São Paulo: Cortez, 2001, p. 49-73.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Dialetologia e ensino-aprendizagem da língua materna. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino de (Orgs.).



- Documentos 2:** Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006, p. 97-107.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística:** tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva et al. **Atlas Linguístico do Brasil.** Vol. 1. Londrina: EDUEL, 2014a.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva et al. **Atlas Linguístico do Brasil.** Vol. 2. Londrina: EDUEL, 2014b.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil:** Questionários 2001. Londrina: EDUEL, 2001.
- COSERIU, Eugenio. **Lições de lingüística geral.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
- DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de Linguística.** São Paulo: Cultrix, 2006.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa,** Versão 5.0, Curitiba: Editora Positivo, 2004.
- FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. *A Dialetoлогия no Brasil (repensando a língua portuguesa).* São Paulo: Contexto, 1994.
- HOUAISS, Antônio. **Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa.** São Paulo: Moderna, 2015.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. Léxico em tempo e espaço: a questão dos regionalismos. In: MARIN, Jerri Roberto; VASCONCELOS, Cláudio Alves de. (Orgs.). **História, região e identidades.** Campo Grande: Editora da UFMS, 2003, p. 165-181.
- MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs.). **Documentos 2:** Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006, p. 15-26.
- NASCENTES, Antenor. **Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil.** v. I. Rio de Janeiro: MEC/Casa Rui Barbosa, 1958.
- OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. **O português do Brasil:** brasileirismos e regionalismos. Tese de Doutorado (Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1999.
- PAIM, Marcela Moura Torres; ALMEIDA, Laura Camila Bráz. Dialetoлогия e ensino: contribuições do Atlas Linguístico do Brasil. **Primeira Escrita,** Aquidauana, n. 6, p. 169-177, 2019.
- PORTO DAPENA, José-Álvaro. **Manual de técnica lexicográfica.** Madri: Arco Livros S.A., 2002.



## **Web - Revista SOCIODIALETO**

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU  
ISSN: 2178-1486 • Volume 10 • Número 30 • Abr 2020

PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. **Rede de Pontos**. Disponível em: <https://alib.ufba.br/content/rede-de-pontos>. Acesso em: 19 nov. 2019.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

TERRA, Ernani. **Linguagem, língua e fala**. São Paulo: Scipione, 2008.

Recebido Para Publicação em 26 de março de 2020.

Aprovado Para Publicação em 23 de maio de 2020.